

### Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes

Mércia Regina Santana Flannery\*

BLOMMAERT, Jan. **Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes: chronicles of complexity**. Bristol, UK.: Multilingual Matters, 2013, 144 p.

O desenvolvimento dos estudos linguísticos tem, em grande medida, evoluído com o contexto e o período histórico dos sujeitos de pesquisa. Uma consideração dos trabalhos mais significantes da história da disciplina revela como esta tem se desenvolvido paralelamente a momentos históricos distintos. Por exemplo, as tendências de estudo da Linguística Estrutural de Saussure, ou o desenvolvimento da Linguística Gerativista de Chomsky; a preocupação com o contexto social e influências externas à linguagem em si mesma, com Labov; a Linguística Interacional, que apoia-se em dois polos, a antropologia de Gumperz e a sociologia de Goffman, e a lista continua. No livro **Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes: chronicles of complexity** (doravante *Linguistic Landscapes*), Blommaert propõe um novo olhar sobre o espaço no qual as relações mediadas pela linguagem ocorrem e as formas pelas quais esses espaços influenciam diferentes modos interativos. Com essa nova perspectiva, vem também uma nova subárea, o relevo linguístico (*Linguistic Landscape Studies*).

Habitante de Antuérpia, na Bélgica, Blommaert fotografa seus arredores, colecionando uma variedade de manifestações comunicativas, seja em placas e sinais, bilhetes afixados em vitrines, sinais de trânsito, grafite ou mensagens religiosas. O autor descreve a demografia da cidade, explicando como língua, cultura e os enlaces entres grupos diferentes acabam por criar camadas significantes de conteúdo, uma superdiversidade, orientada por “mobilidade, complexidade e visibilidade” (p. 6). Não se trata apenas da presença de turcos no bairro, mas de como esses, os brasileiros e os africanos imigrantes compartilham espaços (relevos)

---

\* Ph.D. Director of the Portuguese Language Program, the University of Pennsylvania.

linguísticos, seja em apelos para frequentar uma igreja, ou em convites para comparecer a um show de um conhecido artista da terra natal. A etnografia da super-diversidade reconhece em novos espaços criados em contextos conhecidos, novas realidades e uma correspondente variedade de novos signos. Dadas as constantes migrações de nossa época e o enlace (e sobreposição) cada vez mais intenso e frequente de povos, culturas e manifestações linguísticas, esse estudo é uma importante referência para os estudos em sociolinguística, etnografia e análise do discurso.

No capítulo 1, a Introdução, Blommaert discute como apoia-se tanto na antropologia, como na sociologia e na sociolinguística para desenvolver uma nova metodologia de estudo e análises linguísticas. De acordo com o autor, esse novo olhar sobre as manifestações linguísticas proporciona novas vias descritivas, mas também analíticas, na medida em que o espaço, que é também social, cultural, histórico e político, ganha maior atenção. As vantagens desta nova metodologia, de acordo com Blommaert, são: 1) a possibilidade de que se enxerguem em áreas talvez superficialmente vistas como monolíngues, uma pluralidade de expressões linguísticas; 2) uma espécie de dispositivo *antierro* para o analista, na medida em que, como ferramenta de pesquisa, esta metodologia alarga o campo exploratório; 3) um incentivo para se prestar mais atenção ao letramento e às diferentes formas em que aparece; 4) o incentivo para que o sociolinguista dê tratamento histórico à análise.

No capítulo 2, “Historical bodies and historical space”, o autor discute alguns dos princípios que orientam os estudos do Relevo Linguístico. Para Blommaert, um dos principais obstáculos aos estudos sociolinguísticos é sua “visão sincrônica”, o que o trabalho de Ron e Susan Scollon ajudou a vencer. Scollon e Scollon (2009) elaboraram o que Blommaert chama de “teoria sofisticada, o discurso de nexos” (p. 24). Para os autores, a análise do discurso também inclui a tarefa de “mapear itinerários de relacionamentos entre a ação e o mundo material” (p. 28). Esta perspectiva é importante, pois resolve o problema da etnografia: derivar momentos de intercâmbio intersubjetivos nos quais o etnógrafo e o informante são sensíveis às condições contextuais desta troca (p. 25). Entretanto, quando os dados resultantes de uma interação são apresentados, o pesquisador parece assumir que o “compartilhamento do contexto é substituído por distância”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Essa e as demais traduções ao longo do texto são de responsabilidades da autora da resenha.

No capítulo 3, “Semiotic and spatial scope”, Blommaert discute e exemplifica uma “teoria materialista do signo” (p. 38). Em contraste com a noção saussuriana do signo (“*une entité psychique*”), Blommaert aponta para uma visão histórica, mostrando como os signos assumem significados particulares dependendo do espaço em que se encontram. De modo mais específico, o autor comenta como os signos, dada sua situação em um espaço social, selecionam e interagem com uma audiência. É assim que os signos “começam a contar histórias sobre a formação cultural, histórica, política e social de um certo espaço” (p. 41). Como exemplo, o autor menciona uma placa encontrada na entrada de um estacionamento em Chinatown, Londres, com um símbolo que significa “entrada proibida” e um texto em mandarim traduzindo a imagem na placa. Conforme a explicação de Blommaert, aqueles que não compreendem mandarim não teriam acesso à mensagem escrita, mas apenas ao que a imagem, o símbolo gráfico, transmite. O autor mostra assim que esse tipo de texto, posto em um local específico, seleciona uma audiência também específica, ou seja, tem um escopo semiótico diferente: se todos são a audiência prevista do signo visual, nem todos podem ser a audiência para o texto em mandarim.

O capítulo 4, “Signs, practices, people”, apresenta um olhar etnográfico sobre o relevo linguístico de Statiestraat-Driekoningenstraat para fornecer uma descrição sincrônica detalhada da área, definindo diferentes presenças sociais. De acordo com Blommaert, entre onze e vinte e quatro línguas foram encontradas no bairro em inscrições públicas disponíveis nas ruas. Essas manifestações linguísticas compreendem placas permanentes, anúncios ou placas relativos a eventos, ‘barulho’, ou textos que foram deixados na vizinhança por acidente, tais como material esquecido. Quanto às funções, o autor destaca signos que visam a delimitar um espaço, recrutar, informar, fazer declarações públicas e outros que funcionam como signos mudos, ou seja, tais como o que se encontra em um sacola plástica usada como recipiente para lixo. A descrição em sequência a essas considerações revela como a presença de diferentes grupos linguísticos no bairro segue uma organização estratificada. As atividades exercidas por grupos específicos explicam como os respectivos grupos linguísticos distintos se distribuem no espaço social. Deste modo, o holandês é a língua-líder, seguida por turco, ao passo que as manifestações de espanhol e português na área circunscrevem-se, sobretudo, a atividades de recrutamento por grupos religiosos.

No capítulo 5, “Change and transformation”, Blommaert discute as mudanças na comunidade turca, visíveis no bairro por meio das manifestações textuais expostas. Os turcos,

que chegaram à vizinhança na década de 70, experimentaram uma considerável mobilidade, na medida em que novos grupos imigrantes chegaram (principalmente na década de 90). Com a vinda desses novos imigrantes, gerou-se uma reestratificação de classes, segundo a qual as casas de baixo valor tornaram-se potenciais para geração de recursos, pois passaram a ser opção de moradia barata. Conforme o autor discute, apesar de os turcos ainda serem donos de pequenos estabelecimentos, agora também são profissionais liberais, sobretudo os membros mais jovens. Essas mudanças trouxeram outras implicações, como por exemplo, a tentativa de jovens investidores de origem turca atingirem uma audiência comercial mais ecumênica, nas palavras de Blommaert (p. 75). Em vitrines de estabelecimentos que oferecem empréstimos, seguros e serviços de crédito, as informações são apresentadas em turco, à esquerda, e em holandês, à direita. Por vezes, o texto em holandês aparece com erros ortográficos, o que o autor chama de uma característica do sotaque imigrante.

O capítulo 6, “The Vatican of diaspora”, descreve os locais de adoração no bairro e as sobreposições de textos religiosos nesses espaços. O autor lista dezesseis centros religiosos, representando três religiões diferentes (católica, evangélica/protestante e islâmica e procedentes de várias nacionalidades, incluindo uma igreja brasileira. O autor observa que as igrejas mais “bem-sucedidas”, ou mais populares, utilizam menos sinalização do que as que ainda tentam atrair mais fiéis. A presença dessas igrejas e locais de adoração, de acordo com o autor, também tem um impacto na estrutura econômica do bairro, uma vez que há ramificações de atividades financeiras realizadas nas imediações desses espaços. A consideração neste capítulo aponta para importantes desenvolvimentos desencadeados pela presença imigrante nesse bairro belga que acabam por repercutir nos modos de interação e no uso da linguagem. A maioria dos membros dessas recém-abertas igrejas são também não-documentados (ou ilegais), indivíduos que se apoiam nessas instituições para obter uma certa medida de companheirismo e solidariedade. As instituições, por sua vez, na tentativa de atrair fiéis potenciais dentre esses imigrantes, acabam por criar textos bilíngues e têm também usado recursos multimodais e multimedias, incluindo mídias de massa, música ao vivo, dança e canto.

No capítulo final, “Conclusion: the order of superdiversity”, Blommaert reúne alguns dos princípios desenvolvidos para apoiar a necessidade de se implementar uma etnografia da superdiversidade. O autor mostra que a complexidade de espaços “superdiversos” precisa ser levada em consideração a fim de que se possa dar conta de “sistemas dinâmicos nos quais uma variedade de forças interagem e muitos modos diferentes de desenvolvimento e mudança

podem ser observados” (p. 107). As repercussões metodológicas desta perspectiva envolvem uma combinação de “imersão etnográfica” e uma “forma remodulada de etnografia” dos relevos linguísticos (p. 108). O autor chama atenção para o valor histórico de uma tal consideração e para as várias camadas de signos operando em um bairro. Blommaert chega mesmo a argumentar o fim da sincronia aos modos de Saussure nessa área de estudo (p. 117), ao discutir como o valor de um signo é inevitavelmente pré-textual e sistêmico, “precedendo o lançamento do signo” (p. 118).

Com as transformações demográficas resultantes de movimentos migratórios e as consequentes mudanças que estas acarretam em diferentes partes do mundo, tem-se um quadro ideal para o estudo de novos Relevos Linguísticos. A etnografia proposta por Blommaert, e exemplificada com a cidade belga de Antuérpia, pode ser útil ao se examinar espaços multiétnicos e superdiversos em diferentes partes do mundo. Se, por um lado, parece que o trabalho do autor resulta ser mais descritivo que analítico, a proposta metodológica adiantada na publicação ilumina questões importantes para os estudos linguísticos atuais. Além das movimentações migratórias, o alcance das mídias sociais tem gerado transformações nos modos de comunicar e, pode-se dizer, novos espaços ou relevos linguísticos e comunicativos que ainda padecem de atenção mais detalhada pela sociolinguística. O estudo de Blommaert vem, então, preencher de modo significativo, uma lacuna nos estudos linguísticos atuais e é leitura recomendada para todos os interessados nas relações entre língua, sociedade e cultura.

Resenha recebida em: 14.02.2016

Resenha aprovada em: 17.06.2016